

HOMERO EXISTIU OU NÃO?

DUTRA, James Gusmão

jamesdutra@yahoo.com.br

MENESES, Thatiana Santos

thatymeneses@hotmail.com

LIMA, Luiz Eduardo de Andrade (Orientador)

Graduado em Letras Português-Inglês, Pós-graduado em Educação e Literatura pela
Universidade de Brasília - UnB, Professor do Curso de Letras-Português da Universidade

Tiradentes – UNIT

leduardoalima@uol.com.br

RESUMO

A existência ou não do poeta épico grego Homero tem sido o combustível para discussões tanto entre teóricos das ciências históricas como das ciências literárias desde quando Aristófanes de Bizâncio (c. 257 a.C. – 180 a.C.) e seu discípulo Aristarco de Samotrácia (c. 217 – 145) começaram as primeiras exegeses de Homero em Alexandria.

Da vida de Homero nada se sabe com segurança, embora dados semilendários sobre ele fossem transmitidos desde a Antiguidade. Uma vez que os mitos gregos eram recolhidos pela tradição e transmitidos oralmente pelos *aedos* e *raspsodos*, cantores ambulantes que davam forma poética aos relatos populares e os recitavam de cor em praça pública. Era difícil conhecer os autores de tais trabalhos de formalização, porque num mundo

em que predomina a consciência mítica não existe a preocupação com a autoria da obra, já que o anonimato é consequência do coletivismo, fase que ainda não se destaca a individualidade.

Não obstante isso, devido à insuficiência de provas da existência ou não de Homero, gerou-se a questão homérica: - Teria Homero existido ou não? Essa questão tem fomentado calorosas discussões e interessantes pesquisas sobre esse poeta cuja obra tem influenciado a literatura ocidental significativamente. A *Eneida* de Virgílio (-30/-19), *Os Lusíadas* de Camões (1572) e o *Ulisses* de Joyce (1921) são apenas alguns dos numerosos exemplos.

Esse problema tem preocupado os especialistas, desde os gregos até os nossos dias, conhecendo uma fase de maior polêmica a partir da publicação, em 1795, dos *Prolegomena ad Homerum* de F.A. Wolf. No século XX, K. Lachman afirma que Homero é apenas um nome coletivo, já que nos poemas não se verifica unidade nem de plano, nem de autor. Ao contrário, G. Hermann defende uma unidade intencional ou ampliação progressiva dos poemas: um núcleo primordial foi concebido e composto por um poeta e desenvolvido posteriormente por outros.

PALAVRAS-CHAVE

Homero; questão homérica; Grécia; Literatura Clássica.

HOMERO EXISTIU OU NÃO?

O fato de se discutir a autoria de uma obra tira desta seu valor literário ou histórico? É certo que não sabemos quem realmente fora o autor da *Ilíada* e da *Odisséia*? Teria sido Homero esse autor? E este, existiu ou não? Essas e outras questões formam um grupo de questionamentos conhecidos desde a década de 30 como “Questões Homéricas”.

As opiniões sobre essa questão são diversas e através deste artigo objetiva-se apresentá-las e discriminá-las quanto aos seus fundamentos e princípios, considerando os teóricos e suas metodologias. Apresentar-se-á como primeira abordagem teorias que apóiam o ponto de vista favorável à existência de Homero e este como autor da *Ilíada* e da *Odisséia*; por sua vez, teóricos que postulam conceitos contrários à existência deste poeta grego terão argumentos identificados e analisados.

Uma vez que o campo de discussão é extenso e trabalhoso partir-se-á de três teses principais: a unitarista (é um só autor principal dos poemas homéricos), a dualista (cada um dos dois poemas tem o seu autor) e a pluralista (são vários os autores de cada um dos poemas).

Para o desenvolvimento desta pesquisa o procedimento metodológico abordado foi: a revisão bibliográfica, a interferência nas proposições teóricas dos autores selecionados e a análise da argumentação reunida para formação de uma conclusão coerente. Uma vez que a questão homérica foi trabalhada por inúmeros pesquisadores e escritores, a seleção dos argumentos parte do princípio de reconhecimento geral, fundamentação teórica consistente e composição lógica.

A sistematização do artigo obedece a seguinte ordem: em primeiro lugar será apresentado o argumento de teóricos que compreenderam a existência de Homero como improvável, segundo alguns destes discutir isso é como discorrer sobre o sexo dos anjos; em

seguida a posição daqueles pesquisadores de Homero que viabilizam sua existência e o coloca como autor da *Ilíada* e da *Odisséia*.

Teria Homero existido realmente? E seria ele um poeta que na Grécia, em seu período arcaico, escrevera dois grandes poemas épicos da literatura clássica Universal conhecidos por *Ilíada* e *Odisséia*? Alguns historiadores discordam entre si nas respostas à essas perguntas. O Professor José Cavalcante de Souza chegou a afirmar:

“Chegou-se mesmo a duvidar de sua existência e de que a *Ilíada* e a *Odisséia* fossem obra de uma só pessoa. Poderiam ser coletâneas de cantos populares de antigos aedos e, ainda que tenham existido um poeta chamado Homero que realizou a ordenação desse material e enriqueceu com contribuições próprias, o certo é que essas obras contém passagens procedentes de épocas diversas.”

(CALVANCANTE DE SOUZA, 1996, p.8)

Desde a Antiguidade, principalmente a partir dos Gramáticos Alexandrinos, período em que provavelmente os textos homéricos ganharam a forma na qual os conhecemos até hoje, várias teses se têm formulado e defendido. Entre os Gramáticos Alexandrinos, Zenão e Helânico consideravam improvável a *Ilíada* e a *Odisséia* haverem sido compostas por um único autor, já que a *Odisséia* lhes parecia um ou dois séculos posterior à *Ilíada*. Aristarco, contemporâneo de Zenão e Helânico, não acreditava nesta separação, mas supunha que aos poemas iniciais fora acrescentado outros poemas independentes. No caso da *Ilíada* estariam entre os possíveis acréscimos: o duelo entre Menelau e Páris, a gesta de Diomedes, o duelo de Heitor e Ajax, a embaixada a Aquiles, o relato da ira de Meleagro, a descrição da confecção do escudo de Aquiles etc. sendo que estes poemas autônomos teriam sido concatenados a uma *Ilíada* original, *Proto-Ilíada*, esta atribuída a Homero. A nova teoria, dos acréscimos posteriores, teve amplo respaldo. Tinham-se basicamente três teorias: a primeira que Homero era autor dos dois poemas, a segunda que só da *Ilíada*, a terceira que dos dois poemas, mas em dimensões menores.

Encontra-se precisamente na análise da literatura atribuída a Homero o ponto alto de discussão quanto a existência deste e da data e composição destas obras. Contudo Finley apresenta, quando elabora seu texto sobre a formação do povo grego, a seguinte proposição:

“Os gregos, salvo poucas exceções, consideravam a *Ilíada* e a *Odisséia* como sendo a obra de um só poeta, Homero. Ninguém sabia, ao certo, quando e onde vivera. Os estudiosos modernos dividem-se na questão sobre se ambos os poemas foram escritos por um só poeta e acerca da data.”

(FINLEY, 1963, p. 17)

Sob o ponto de vista geográfico, podemos dividir o território grego em três regiões: Grécia Continental, Grécia Peninsular e Grécia Insular. Os primeiros povos indo-europeus a chegar à Grécia foram os aqueus, que dominaram os primitivos pelágios, de origem desconhecida. Os aqueus fundaram diversas cidades, como Micenas. Os habitantes desta cidade entraram em contato com a ilha de Creta, surgindo a cultura creto-micênica. Dominaram os cretenses, destruindo Cnossos em 1400 a.C. Avançaram em direção a Tróia, na entrada do Mar Negro.

Os jônios e os eólios foram o segundo grupo a penetrar na Grécia. Integraram-se com os primeiros ocupantes, ampliando a população do mundo Grego. Os últimos a chegar foram os Dórios, por volta do século XII. Os dórios destruíram a civilização creto-micênica, provocando a Diáspora interna (origem dos Genos) e a externa (colonização).

A idéia de que entre os gregos clássicos os dois maiores poemas épicos de sua literatura foram compostos por um só homem e que este homem era reconhecido como sendo Homero é confirmada pela maioria dos pesquisadores dos clássicos. Apesar disso, historiadores modernos creditam datas diferentes para a criação dos poemas, bem como supõem uma multiplicidade de autores para os mesmos. Como se confirma no texto:

“A antiguidade admitia, geralmente, a unidade de autoria, embora houvesse partidários da existência de dois poetas distintos (corizontes ou separatistas). Admitia-se, também, a existência real de Homero. No século XII, os aedos que o recitavam eram chamados ‘homéridos’. Esmirna e Quios são os sítios mais prováveis do nascimento do poeta.”

(BARSA, 1995, p. 107)

A *Ilíada* e a *Odisséia* relatam as lendas heróicas referindo-se às guerras que os gregos (denominados aqueus por Homero) fizeram contra Tróia (ou Ílion), cidade do noroeste da Ásia Menor. A sua causa foi o rapto de Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta, por Páris, filho de Príamo, rei dos troianos. Sob o comando do irmão de Menelau, Agamémnon, rei de Micenas, os gregos cercaram Tróia para obrigar Páris a entregar Helena.

A *Ilíada* relata um curto episódio do cerco. O próprio conflito, ainda que amplamente descrito, é o pano de fundo da récita dramática das paixões humanas que se enfrentam. É a história de Aquiles, o mais valoroso dos chefes gregos, que, tendo sido ofendido por Agamémnon, se recusa a continuar a luta até o dia em que, tornando-se iminente o perigo, cede às instâncias do seu amigo Pátroclo e o deixa participar no combate. Pátroclo é morto por Heitor, o herói troiano. Levado pela dor e pela cólera, Aquiles esquece o seu ressentimento contra Agamémnon, precipita-se no combate e mata Heitor, cujo cadáver entregará posteriormente a Príamo, pai de Heitor, num gesto de generosidade.

A *Odisséia* conta as aventuras de Ulisses, rei de Ítaca, a quem, em virtude de numerosos perigos que encontra na estrada, foram precisos dez anos após a guerra de Tróia para voltar à sua ilha. Logo que iniciou o regresso, teve de enfrentar outros perigos. Por um processo engenhoso, o poeta deixa o herói contar todas as peripécias e dá-nos a conhecer todos os acontecimentos importantes que se deram desde o fim da *Ilíada*: o artifício do cavalo de Tróia, regresso do herói, ao lar e a matança dos pretendentes à mão de sua mulher Penélope.

A célula básica da sociedade grega eram os genos. Todos os descendentes de um mesmo antepassado viviam num mesmo lar. Este grupo de pessoas gozava de autonomia, possuía o seu chefe, o seu culto aos antepassados sua administração e sua própria justiça, baseada no costume. A independência política estava baseada na independência econômica.

A economia baseava-se na administração da casa e a família procurava ser auto-suficiente. Era uma economia doméstica fechada. A propriedade era coletiva e o trabalho também. A desintegração desse sistema gentílico foi provocada por um problema interno: o crescimento da população não acompanhou o crescimento da produção.

O descontentamento ocasionado pela baixa da produção levou ao individualismo e ao afrouxamento dos laços familiares. A repartição dos bens e imóveis completou a desintegração dos Genos.

A desigualdade social, com o surgimento de diversas camadas sociais, foi umas das conseqüências mais direta da desintegração dos genos. Surgiram assim os grandes, os pequenos e médios proprietários; muitos indivíduos ficaram sem terra.

O desaparecimento da unidade familiar criou condições para a formação de uma nova unidade política, através da união de tribos e vilarejos. Essa nova união deu origem a Cidade-Estado.

A Diáspora grega foi a colonização grega. Dentre os fatores que estimularam a colonização podemos citar: a marginalização social devido a desintegração dos genos; marginalização política das classes inferiores nas cidades gregas; crescimento populacional; diminuição da disponibilidade de terra; progresso técnico da navegação e espírito de aventura.

Os colonos mantinham com a metrópole um relacionamento cultural e econômico com as populações nativas, as relações dependiam de circunstâncias, podendo orientar-se pela força, pela persuasão ou pela diplomacia. Este é o retrato do chamado Período Homérico.

Não obstante a negação por parte de alguns, em suas obras de publicação disponível, muitos dos que apresentam dúvidas da existência de que o autor da *Ilíada* e da *Odisséia* tenha sido um só homem e que este escrevera a ambos os textos no momento de construir suas afirmações sobre a origem do povo grego, favorecem o entendimento de que Homero teria sido uma única pessoa.

Um destes opositores é o Professor Montanelli que propõe:

“Nada sabemos a respeito de Homero. Nem sabemos se de fato existiu. Segundo a lenda mais comumente aceita, foi um ‘trovador’ cego, do oitavo século, pago pelos senhores para lhe ouvir as histórias maravilhosas. Não podiam lê-las porque eram analfabetos e passavam o tempo unicamente guerreando, caçando e depredando. Pode bem ser que Homero também fosse analfabeto.”

(MONTANELLI, 1962, p. 23)

Outro que apresenta uma contradição nas suas argumentações publicadas é Yvon Garlan que enfatiza em seu livro *Guerra e economia na Grécia Antiga* o fato de ser Homero apenas uma lenda ou uma incógnita, mas no momento de argumentar sobre as guerras gregas cita Homero como este sendo uma pessoa. Por exemplo:

“De todas essas calamidades, o próprio Zeus censura seu filho Ares, representante da violência não-regulamentada: ‘Tu és o mais odioso de todos os imortais que habitam o Olimpo; teu prazer, sempre, é a querela, a guerra e os combates’ (*Ilíada* II, 890-891) – que lhe valem, em contrapartida, ser dotado por Homero de um corpo imortal certamente como o de todos os deuses, mas vulnerável como o dos heróis que ele conduz à ruína.”

(GARLAN, 1991. p. 9)

Ao citar um texto da *Ilíada* Garlan aponta Homero como seu autor direto, sobretudo na construção da personagem, e o faz desconsiderando o fato que anteriormente afirmara que a autoria da *Ilíada* ou a existência de Homero eram questionáveis. É possível que de alguma forma a tradição de se utilizar deste nome para autoria deste épico tinha

comprometido a narração de alguns pesquisadores ou será que há mais evidências que apontam para uma resposta positiva quanto a questão homérica?

Finley quando trata da origem dos gregos tem a seguinte opinião sobre Homero:

“Foi Homero, juntamente com outro poeta muito diferente, Hesíodo, segundo Heródoto (II 53), quem <<primeiro fixou para os gregos a genealogia dos deuses, lhes atribuiu os seus títulos, distribuiu suas funções e honras, definiu as suas imagens>>.”

(FINLEY, 1963, p. 17)

Também, Durand vai apontar para Homero como tendo um papel importante para a formação do povo helênico:

“Devemos aceitar Homero como << testemunha do seu tempo >>? Recordemos que ele julgou observar certo número de convenções tradicionais do gênero épico. Assim citemos que deliberadamente guarda silêncio total ou quase total sobre diversas realidades de cuja existência na época estamos seguros.”

(DURAND, 1992, p. 52)

Sua importância não é acentuada somente no aspecto histórico, mas é dentro de um valor artístico que Homero vem a tonar-se distintivo para o povo grego. Como afirma Eva Howarth:

“Homero apresentou-nos um retrato idealizado, mas em muitos aspectos, representativo da vida grega na Idade do Bronze tardia. Descreveu também de forma memorável e clara para os seus descendentes na Grécia Clássica – e para a posteridade –, os deuses, deusas e semideuses venerados pelo povo e tão proeminentes na sua arte.”

(HOWARTH, 1995, p. 09)

Mas o que afirmam os pesquisadores de respostas negativas à questão homérica quando desqualificam a pessoa de Homero como autor das obras *Ilíada* e *Odisséia*? Em que se fundamentam para excluir até mesmo da existência este poeta?

Autores como Jaeger dizem:

“Atualmente não é possível considerar a *Ilíada* e a *Odisséia* – fontes da primitiva história da Grécia – como uma unidade, quer dizer, como obra de um só poeta, embora na prática continuemos a falar de Homero como o princípio fizeram os antigos, agrupando sob este nome diversos poemas épicos. O fato de a Grécia Clássica, desprovida de senso histórico, ter separado daquela massa os dois poemas, considerando-os superiores de um ponto de vista puramente artístico e declarando os outros indignos de Homero, não afeta o nosso juízo científico nem pode ser considerado como tradição no sentido próprio da palavra.”

(JAEGER, 2001, p. 37)

Apontam para o fato da Grécia Clássica ser desprovida de “senso histórico”, mas e quanto a outros autores ainda mais antigos que Homero que não têm sua autoria ou existência questionada? Há mais do que falta de senso histórico dos gregos se questionam Homero e suas obras?

Arnold Houser vai dizer:

“Os épicos homéricos são os mais antigos poemas em grego que sobreviveram até nós, mas certamente existiram outros ainda mais antigos. Não se trata apenas de que sua estrutura é demasiado complicada e de que podemos apontar uma série de contradições relativas ao conteúdo; a lenda do próprio Homero contém muitas características incompatíveis com o retrato do poeta que se formaria a partir do espírito requintado, cético e até frívolo dos poemas.”

(HOUSER, 1998, p. 55)

Esse discurso é reforçado por Durand quando este afirma que:

“Segundo Finley nenhum dos dois poemas conteria o menor traço da estrutura coletiva que é por excelência criação dos gregos, a polis, nem mesmo a *Odisséia*, segundo ele aí dez lustros mais recentes do que a *Ilíada*; ora sabemos que menos de cem anos mais tarde, Quios, uma das terras que se reclama berço de Homero, encontrava-se já muito próxima da democracia.”

(DURAND, 1992, p. 52)

Não é só a estrutura dos poemas que é utilizada como base de refutação da possibilidade de existência e autoria de Homero para estes poemas épicos. Um dos argumentos mais citados encontra-se de que nessa época a tradição oral seja predominante na transmissão dos poemas, impossibilitando que um poema desta extensão seja gravado e reproduzido na íntegra por muito tempo sem alteração. Mas o professor José Ribeiro pensa diferente:

“Nos textos literários mais antigos que possuímos, os poemas homéricos – Ilíada e Odisséia, que geralmente se julga assentarem em poesia da improvisação oral e terem atingido, no essencial, a forma em que chegaram até nós no decurso do século VIII a.C., devem transmitir elementos e instituições de tempos anteriores.”

(FERREIRA, 1992, p.31)

Mesmo quando a tradição sustenta a possibilidade de existência de Homero e autores como Willian McNeill e Loverance & Wood apontam para ela, como quando se referem a Tróia, em:

“Uma incursão semelhante (tradicionalmente datada de 1184 a.C.), contra Tróia, na entrada dos Dardanelos, foi o foco em torno do qual se concentraram as narrativas heróicas de Homero”.

(MCNEILL, 1972, p. 82)

e

“Duas das mais famosas histórias – a Ilíada e a Odisséia de Homero – baseiam-se na guerra de dez anos dos micênios contra Tróia. Os gregos de antigamente aprendiam a declamar esses longos poemas de memória.”

(LOVERANCE & WOOD, 1994. p. 4)

Há aqueles que definitivamente apontam para equívocos no texto clássico inviabilizando a manutenção de Homero como seu devido autor, apenas, quem sabe, um organizador do material originado na cultura popular.

É o que diz Claude Massé:

“Como é evidente, torna-se impossível passar aqui em revista todos os argumentos, filológicos ou históricos, adiantados por uns e por outros em relação à personalidade de Homero ou à data de composição dos poemas. Contudo, o problema veio a ser reformulado neste século, designadamente por alturas dos anos 30, na seqüência dos trabalhos do antropólogo americano Milmann Parry, que, partindo de um fato conhecido e estudado desde há muito, a repetição de fórmulas que, de um modo quase obsessivo, pautam o ritmo dos dois poemas, acabara por verificar a existência de um fenômeno análogo no canto dos bardos iuguslavos. Estas repetições possuíam efetivamente o poder de facilitar a memorização de uma dada poesia, que destituída em absoluto do suporte da escrita, se achava reduzida à simples transmissão oral (...) A Ilíada e a Odisséia representariam, pois, segundo M. I. Finley << o ponto culminante de uma longa tradição de poesia oral, tradição prosseguida por bardos profissionais que deambulam por todo o mundo grego >>.”

(MOSSÉ, 1984, p. 01)

Os que refutam as colocações destes pesquisadores encontram argumentação sobretudo na tradição chegando a afirmar que:

“Parece-nos que Bowra resume admiravelmente a resposta a essa pergunta: << Seja suficiente dizer que a Ilíada e a Odisséia foram compostas no século IX ou século VIII a.C., que seu etilo, construção e índole supõem a existência de um autor único, que não existe nenhuma boa razão para abandonar a tradição antiga e universalmente aceita de que o autor se chamava Homero e que procedia do litoral grego da Ásia Menor.”

(Idem, p. 296)

Mas é na questão estrutural que se encontra a maior sustentação por parte daqueles que defendem positivamente uma resposta para a questão homérica. Autores como o Professor Mário Curtis Giordani afirmam:

“Quanto a língua homérica, observa Meillet que, das línguas literárias gregas, é a mais difícil de apreciar. Com efeito, compreende

tantos elementos complexos que não poderemos afirmar que pertença a um determinado dialeto. Dentre esses elementos, entretanto, predominam os jônicos e cólios. Ao que tudo indica, a língua homérica reveste um caráter bastante artificial, o que se explica razoavelmente pelo fato de a poesia de Homero nada ter de popular.”

(GIORDINI, p. 296 – 7)

Assim como ele Heinrich A. W. Bunse vai dizer de Homero:

“Com inteira justiça, Homero pode ser chamado de mestre da Grécia, pois seus poemas formaram a base da teologia grega, representavam os documentos mais antigos da história da Hélade, forneciam o teor da formação da juventude, continham os germes de posteriores obras poéticas, estimulavam as produções artísticas.”

(HEINRICH, 1974, p. 11)

Com base nesses dados, todos mais ou menos hipotéticos, deduzimos alguns dados básicos sobre Homero e sua obra. Tanto a *Ilíada* como a *Odisséia* apresentam diversas inconsistências internas, como alusões a técnicas e equipamentos de combate que existiram em épocas diferentes. Tais inconsistências, porém, poderiam ser explicadas pelo fato de o poeta ter utilizado materiais anteriores e por terem sido provavelmente incorporados alguns outros. Quanto à existência de um autor único para a *Ilíada*, a mais antiga das duas obras, argumentamos que, embora seja evidente a existência de poemas épicos orais anteriores sobre os mesmos temas, não parece haver existido nenhum de extensão sequer aproximada, nem dotado de tal complexidade estrutural. Tal constatação indicaria a existência de um criador individual, que deu uma nova estrutura aos temas tradicionais e integrou-os em sua visão pessoal da realidade.

Ambas as obras têm características comuns absolutamente inovadoras, como a visão antropomórfica dos deuses, a confrontação entre os ideais heróicos e as fraquezas humanas e o desejo de oferecer um reflexo integrador dos ideais e valores da emergente sociedade helênica. Esses argumentos, somados à mestria técnica evidente nos dois poemas,

favorecem a conclusão de que o autor da *Ilíada* foi também o autor, ou principal inspirador da *Odisseia*. Ao mesmo tempo em que refletiram luminosamente a antiguidade mais remota da civilização grega, os poemas homéricos projetaram-na adiante com tamanha originalidade e riqueza que ela se fazia presente nas mais diversas manifestações da arte, da literatura e da civilização do Ocidente.

Sabemos que a fonte original de todo humanismo foi a literatura clássica. Homero foi o principal responsável por dar uma unidade cultural a todo o povo do continente da Ática, da península do Peloponeso e das ilhas do Mar Egeu de fala grega. Para Hesíodo, foi Homero quem constituiu a “teologia nacional da Grécia”. É consenso que “nenhum poeta, nenhuma personalidade literária ocupou na vida do seu povo um lugar semelhante” (M.I.Finley, 1972).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da mitologia**. Trad. De David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- DURAND, Martthim G. de. **História abreviada da Grécia Antiga**. 17ª ed. Lisboa – Portugal: Notícias, 1992
- ENCICLOPÉDIA BARSA. Vol. 9. **Verbetes: Homero**. Rio de Janeiro – São Paulo: Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda. 1995,
- GARLAN, Yvon, **Guerra e economia na Grécia Antiga**. Campinas: Papyrus, 1991
- HOWARTH, Eva. **Breve história da arte: Grécia Clássica**. Lisboa – Portugal: Presença, 1995
- FERREIRA, Aurélio B.de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988
- FERREIRA, José Ribeiro. **A Grécia Antiga: sociedade e política**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992
- FINLEY, M.I. **Os gregos antigos**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1963
- GIORDINI, Mário Curtis. **História da Grécia: Antiguidade Clássica I**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.
- HOLM, Jean; BOWKER, John. **Mito e História**. Mem Martins, Publicações Europa América, 1997.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- LOVERANCE & WOOD. **Grécia Antiga: desvendando a história**. 1ª ed. São Paulo: Manole, 1994
- LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed. São Paulo: Ática, 2000
- HOUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998
- HEINRICH, Q. W. Bunse. **As biografias de Homero**. Porto Alegre: Edições URGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1974
- SOUZA, José Calvancante de (org.). **Coleção Os pensadores, Pré-Socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996
- MONTANELLI, **Introdução à História dos Gregos**. São Paulo: Ibrasa – Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1962
- MCNEILL, Willian. **História Universal: um estudo comparado das civilizações**. Porto Alegre: Globo, 1972
- MOSSÉ, Claude. **A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1984